

Caminhos da Videoreportagem no Amazonas: O Ponto de Vista de Quem Pensa, Produz e Divulga¹

Rômulo Assunção ARAÚJO²
Alexandre Santos de OLIVEIRA³

Fundação Centro de Análise, Pesquisa e Inovação Tecnológica – FUCAPI
Manaus-AM

RESUMO

Em tempos de conteúdo multimídia e distribuição mais rapidamente disseminada, este trabalho tem o objetivo de mostrar alguns caminhos da produção de videoreportagens no estado do Amazonas. O método utilizado consistiu em entrevistas com profissionais envolvidos direta ou indiretamente com o formato, tanto no telejornalismo como no webjornalismo. A leitura do material coletado permitiu compreender sobre a atuação e adaptação para o desempenho de tarefas antes executadas por uma equipe e, atualmente, podem ser realizadas por apenas uma pessoa. A pesquisa possibilitou ainda analisar o progresso das produções locais, o panorama e as tendências inerentes a essa área.

PALAVRAS-CHAVE: Videoreportagem; Telejornalismo; Web; Multimídia; Amazonas;

INTRODUÇÃO

Uma câmera, um microfone e uma história para ser registrada e divulgada. Esta é a base da videoreportagem. Um conceito que inicia com o trabalho de apuração, captação em vídeo, até a finalização e distribuição do material, desenvolvido por um único profissional. Este trabalho busca apontar alguns caminhos dessas produções no Amazonas, da TV à web, a partir da contribuição de profissionais que atuam ou estiveram envolvidos nesta área.

O estilo surgiu no Brasil na década de 80 e desde lá já ganhou muitas adaptações a partir dos profissionais e da linha editorial das empresas de comunicação. Conhecer e entender esse processo de trabalho em Manaus e no Amazonas é um dos objetivos deste artigo, escolhido a partir da experiência e interesse do autor pelo tema, por meio de depoimentos exclusivos de profissionais que fizeram e fazem parte desta história.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Especialista em Design, Comunicação e Multimídia pela Fucapi-AM, email: romulo.ara@gmail.com.

³ Doutor em Design, pela PUC-Rio. E-mail: olialx@gmail.com

No estado do Amazonas, a videorreportagem configura-se como uma produção recente no jornalismo local, embora já utilizada na Rede Amazônica de Rádio e Televisão (em suas duas emissoras: TV Amazonas e AmazonSat), no portal de notícias D24am.com (da Rede Diário do Amazonas), e no site da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – Fapeam na primeira década do século XXI.

O estudo está dividido em três partes. Na primeira apresentam-se os conceitos gerais de videorreportagem e videorrepórter. Em seguida, são apresentados os aspectos metodológicos, ou seja, os mecanismos usados para coletar as informações e alcançar resultados. Por fim, as discussões apresentam um panorama do formato em âmbito estadual, tanto nos canais televisivos, como na web e as perspectivas para expansão do mesmo.

VIDEORREPORTAGEM: CONCEITO E CONTEXTO

A videorreportagem não se refere apenas a uma matéria jornalística produzida com o auxílio de recurso audiovisual, mas apresenta-se como uma quebra de paradigma no campo da comunicação que teve como aliado o avanço das tecnologias e profissionais com conhecimentos e prática em mais de um campo.

O videorrepórter, por essência, é o jornalista que trabalha sozinho em campo, utilizando uma câmera de vídeo para fazer as próprias imagens e produzir a matéria. Embora inicialmente tenha aparecido no meio televisivo, com os avanços tecnológicos e o desenvolvimento da Internet, esse profissional pode ser apresentado hoje como a forma mais eficiente de criar conteúdo multimídia. Com o crescente uso da banda larga, ele pode contribuir muito para transformar a produção de vídeo para a web, baratear esse custo e aumentar a disponibilidade de conteúdo multimídia e o hábito dos internautas consumirem esse tipo de informação intrínseca da internet. (CASTILHO, 2004, p. 03)

O formato também é tido por Castilho como videojornalismo. Para ele, a diferença está no domínio dos processos, sendo o videojornalista um profissional com mais preparo não somente técnico, mas intelectual. Diferenças a parte, ambos informam com uma câmera na mão. Logo, em meio aos produtores audiovisuais tornou-se possível que um trabalho, antes desempenhado por uma equipe inteira fosse produzido por uma única pessoa e não apenas reportagens, mas também documentários, que é denominado pela estudiosa e praticante do formato no Brasil, Carol Thomé (2011, p.26), como “videorreportagem documental”.

O que difere, essencialmente, as videorreportagens documentais de uma grande reportagem ou um documentário produzido por uma equipe é, basicamente, o profissional autoral que trabalha sozinho desde a pré-produção do filme, até a sua

finalização (não necessariamente sozinho em todas estas etapas, mas, principalmente, na captação do material e realização de entrevistas).

Nas emissoras de Televisão, é comum uma equipe executar todo o trabalho de captação de uma matéria, tendo cada um sua função como cinegrafista, produtor, assistente e repórter. Em entrevista cedida para esta pesquisa, quando estava de passagem por Manaus para lançamento de um livro, o jornalista Flávio Fachel (2012), que atuou como correspondente da Rede Globo em Nova York, lembra que a produção de conteúdo em vídeo é um trabalho de custo alto, ressaltando que a videoreportagem se apresenta como uma alternativa.

A videoreportagem é uma maneira de fazer telejornalismo cujo objetivo principal é baratear custo. Uma equipe de TV tem no mínimo três pessoas, se você contar iluminador, cinegrafista e repórter. Pode ter mais gente se você incluir o sonoplasta, o editor e o produtor, como acontece nos Estados Unidos. Isso tudo é custo. É preciso trabalhar com muito detalhe de imagem, preocupação com edição e uma pessoa só não faz isso.

Esse conceito de um profissional produzindo sozinho seu próprio material audiovisual surge nos anos 70, a partir das produções de John Alpert, fundador da DCTV (Downtown Community Television Center), e ganhador de muitos prêmios com seus documentários independentes. No Brasil apenas na década de 1980, é que o formato surge na TV, por meio do programa TV MIX, da TV Gazeta, dirigido por Fernando Meirelles.

Após este experimento, os repórteres-abelhas (nome que designa um comparativo com a agilidade que o inseto possui) foram adotados por outras emissoras, como a Fundação Padre Anchieta (TV Cultura) e portais de notícias como o AOL e UOL. Assim, uma demanda que surgiu a partir da falta de recursos financeiros se transformou em uma nova opção de linguagem jornalística, aliada ao avanço e barateamento de equipamentos tecnológicos.

Além dos avanços tecnológicos e do uso do formato por muitos veículos de comunicação de massa e especializada, pode-se atribuir esse reconhecimento da videoreportagem, principalmente na web, à plataforma de vídeos YouTube, lançada em junho de 2005, que possibilitou que qualquer pessoa com acesso à internet produzisse conteúdo audiovisual, publicasse e divulgasse aquele produto, sem limites de envio e sem necessidade de grandes conhecimentos técnicos, o que gerou uma nova rede social.

Como empresa de mídia, o YouTube é uma plataforma e um agregador de conteúdo, embora não seja um produtora do conteúdo em si. É um exemplo do que David Weinberger (2007) chama de “metanegócio” – uma “nova categoria de

negócio que aumenta o valor da informação desenvolvida em outro lugar e posteriormente beneficia os criadores originais dessa informação” (p. 224). (...) o YouTube na realidade não está no negócio de vídeo – seu negócio é, mais precisamente, a disponibilização de uma plataforma conveniente e funcional para o *compartilhamento* de vídeos on-line: os usuários (alguns deles parceiros de conteúdo *premium*) fornecem o conteúdo que, por sua vez, atrai novos participantes e novas audiências. (BURGESS, GREEN, 2009, p. 21)

A videorreportagem trouxe a possibilidade de conteúdo audiovisual com qualidade técnica e informativa com maior rapidez, ainda que fadado aos imprevistos e ruídos do caminho. Além disso, é de conhecimento dos que trabalham, estudam e/ou se interessam pela área que há pouca referência teórica sobre videorreportagem disponível, sobretudo no que se refere às produções locais (de Manaus e do Amazonas).

A falta de material teórico sobre o tema limita a pesquisa de estudantes e profissionais da área. As principais fontes de informações sobre o formato são referentes aos trabalhos de videorreporteres ativos no mercado atual. O fato de haver raras divulgações de pesquisas e material teórico sobre o tema torna a profissão ainda mais difícil de ser contextualizada, o que causa estranhamento até para os próprios jornalistas. (THOMÉ, 2011, p. 07)

É importante observar que esse cenário aos poucos, começa a mudar com o interesse de acadêmicos de comunicação que veem na videorreportagem uma nova possibilidade de atuação profissional e estudo acadêmico, já que no Amazonas as dificuldades geográficas e a precária velocidade da web encontraram na videorreportagem uma grande alternativa para a produção e divulgação de conteúdo audiovisual.

METODOLOGIA

Este estudo de cunho qualitativo estabeleceu o discurso dos profissionais envolvidos com a videorreportagem, coletados por meio de entrevistas. Outro aspecto que merece destaque nesta pesquisa é a experiência do pesquisador que desde 2010 atua como videorrepórter na cidade de Manaus, tendo atuado em empresas como a Rede Diário do Amazonas, no portal de notícias d24am.com e em projetos pessoais, como O Segundo Registro (um site, antes blog, em que divulga conteúdos audiovisuais), além de ter desenvolvido um dos primeiros estudos acadêmicos da área no Amazonas, por meio de artigos científicos na pós graduação.

Uma vez estabelecidos tema, delimitação e um breve cronograma sobre os caminhos do trabalho, um levantamento bibliográfico complementar foi iniciado, já que parte das principais – e ainda tímidas, principalmente no Amazonas – referências sobre o tema, já era

de conhecimento do autor deste, que outrora atuou como videorepórter em um portal de notícias local e ainda utiliza o meio em projetos pessoais.

Para Manzo (1971, p. 32), a bibliografia pertinente “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente” e tem por objetivo permitir ao cientista “o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações” (Trujillo, 1974, p. 230). Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras. (LAKATOS, 2010, p. 166)

A seleção da pesquisa e de assuntos que ajudam a compreender a recente popularização do formato foi ideal para ajudar na elaboração de questões que seriam verificadas no âmbito da pesquisa de campo, a partir de entrevistas com profissionais envolvidos na gerência de projetos, na atuação, na repercussão e no estudo, a fim de tentar estabelecer uma cronologia da produção no estado, a partir da consulta aos profissionais da área para saber o que conheciam sobre o formato. Logo, as próprias declarações dadas em entrevistas serviram como referências históricas para a produção deste artigo.

Ao todo foram consultados 15 profissionais, entre Abril de 2012 e Fevereiro de 2013, conforme disponibilidade do entrevistado e deste pesquisador (ver tabela 1), dos quais 9 estão nesta versão do artigo. Antes de falar especificamente sobre seu envolvimento com a videoreportagem no estado do Amazonas, conforme os veículos que atuam ou atuaram, os mesmos conceituaram e apontaram o que pensam e como o formato se insere na profissão.

Nome	Profissão	Envolvimento	Conceito
Orlando Júnior	Jornalista e cinegrafista	Realizou a primeira videoreportagem oficial do canal de TV AmazonSat, registrando a medição oficial do Pico da Neblina, em 2002.	É defensor do formato principalmente pelo domínio das tecnologias e das etapas. Segundo ele, “quem não se adaptar vai ficar fora do mercado de trabalho”.
Luís Augusto Pires Batista	Jornalista	Gerente de jornalismo da Rede Amazônica de televisão responsável pela capacitação dos correspondentes no interior do Amazonas, que atuam como videorepórteres.	Considera o trabalho fundamental no estado do Amazonas, principalmente no interior, que é pouco mostrado, já que o formato ajudou na visibilidade das cidades.
		Jornalista da Rede	Observa que a

Fábio Melo	Jornalista	Amazônica que ajudou na capacitação dos correspondentes no interior e que também produz videorreportagem.	videorreportagem surgiu da necessidade de um único profissional registrar conteúdos em vídeo, principalmente com equipamentos de pequeno porte e alta qualidade.
Emanoel Cardoso	Jornalista	Ex-correspondente, em 2005, da Rede Amazônica no município de Parintins. Depois começou a trabalhar para a TV A Crítica.	Como repórter do interior, concorda que a possibilidade de uma pessoa produzindo conteúdo ajudou na divulgação do município, mas diz que a videorreportagem que se faz para a TV não difere dos moldes tradicionais.
Gustavo Soranz	Radialista	Implantou o projeto de vídeos para o site da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – Fapeam, em 2009, rotulado como videorreportagem.	Afirma que o formato é uma assinatura pessoal e que deve ser vista como uma unidade de imagens e conteúdo e não como a reportagem tradicional feita para as TV's.
Márcio Noronha	Jornalista	Ex-Diretor de Redação do grupo Diário do Amazonas. Implantou o portal de notícias D24am.com, com a videorreportagem como um dos conteúdos.	Observa que o jornalista precisa ter um conhecimento macro e não mais um específico, no caso da videorreportagem ter o domínio do processo.
Danilo Egle	Relações Públicas	Especialista em cinema e mídias digitais, atuou como videorepórter e editor multimídia ajudando na criação do formato para o portal d24am, em 2010.	Pesquisador e produtor de conteúdo audiovisual, defende que há uma deficiência na questão do estudo técnico e jornalístico pra melhoria das produções.
Wilson Reis	Jornalista	Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Amazonas – SJPAM, que tentam mediar junto aos empresários à valorização desse profissional multimídia.	Na visão sindical, o formato é visto como uma nova função de jornalismo que precisa de regulamentação no estado.
Flávio Fachel	Jornalista	Repórter correspondente da Rede Globo de	Diz que é muito fácil para os novos

		Televisão em Nova York. Estudou e trabalhou no Amazonas.	comunicadores serem videorepórteres por conta da tecnologia.
--	--	----------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------

Tabela 1 – Entrevistados, para esta pesquisa, envolvidos com Videoreportagem.

Fonte: Elaborada pelo autor

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo com as devidas autorizações. A captação dos depoimentos foi feita com uma câmera fotográfica HD/SLR com recurso de filmagem, um microfone direcional, um monopé (equipamento de apoio para dar estabilidade à câmera), um cartão de memória de 16 Gb e, posteriormente um Computador para a edição do material. O trabalho resultou, além deste artigo, em uma videoreportagem documental sobre o tema, que pode ser conferido em www.osegundoregistro.com.br.

A VIDEORREPORTAGEM NO AMAZONAS

Ainda não há registro exato sobre o início da produção de reportagens ou documentários a partir de um único profissional no estado, embora o cineasta e documentarista Silvino Santos, já na segunda década no século XX, registrava peculiaridades da região com uma câmera na mão, trabalho similar aos dos videorepórteres, atualmente. Mas, como bem ressalta PASCAL (2012, p. 18), “não se pode comparar integralmente trabalhos que possuem uma distância abissal de tempo e recursos, mas a referência existe até hoje para todo profissional que explora o audiovisual no Amazonas.”.

Quanto aos registros oficiais sobre a produção de videoreportagens em empresas de comunicação no estado do Amazonas, nesta seção serão apresentados os casos da Rede Amazônica de Televisão, pioneira no desenvolvimento e veiculação de matérias utilizando o recurso da videoreportagem para a televisão, aspectos relativos às outras emissoras, o caso da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM e do Portal D24am (onde este pesquisador atuou como videorepórter), e ainda com a visão sindical.

Rede Amazônica de Rádio e Televisão

Nosso ponto de partida é o começo da primeira década do século XXI, mais precisamente em 2004, quando foi ao ar, oficialmente, pelo canal temático AmazonSat, integrante do

grupo Rede Amazônica de Televisão, filiada da Rede Globo no estado, a primeira videorreportagem do canal, apresentando a medição oficial do pico da neblina, no município de São Gabriel da Cachoeira, coordenado pelo exército brasileiro em parceria com a Universidade Federal do Amazonas – Ufam.

O trabalho foi realizado pelo então cinegrafista Orlando Júnior, que estava prestes a concluir sua graduação em jornalismo, pela Universidade Nilton Lins, em Manaus, teve a coordenação do jornalista Arnaldo Santos que era chefe de jornalismo da emissora e ajudou a planejar a captação do material. O resultado foi exibido em estilo de documentário com quase 28 minutos de duração, no programa “Viagens pela Amazônia”, além de uma versão com três minutos e meio feito para o telejornal “Amazônia TV”, ambos com texto e OFF⁴ do próprio Orlando, que aquele momento com grande satisfação.

Ao todo foram, mais ou menos, uns 15 dias, entre preparação, viagem e retorno. Eu devo ter emagrecido uns 10 quilos, sem brincadeira, mas foi maravilhoso. Foi minha primeira grande experiência como videorrepórter, graças ao Arnaldo Santos, e já foi ‘pauleira’ assim.

Afiliada da Rede Globo na região norte, a emissora mantém em seu quadro profissional uma equipe de videorreporteres no interior do estado, cobrindo parte dos 62 municípios do estado. O Gerente de jornalismo da Rede Amazônica de televisão e responsável pela capacitação dos correspondentes no interior do Amazonas, Luís Augusto Pires Batista, enviado em 2005 da central da Rede Globo para comandar o jornalismo da emissora, na região amazônica informou que até o final de 2012, a emissora tinha em seu quadro profissional 25 correspondentes, dos quais 10 enviam matérias via FTP – File Transfer Protocol (Transferência de Protocolo de arquivo). “Essa tecnologia do FTP permitiu que a gente gerasse conteúdo sem custos, praticamente, do interior do estado”, disse Luís Augusto ressaltando que a rede tem sido ampliada para outras cidades do Amazonas.

Essa possibilidade que teve inseriu esses municípios no contexto do jornalismo estadual e nacional. Foi muito importante na resolução dos problemas dessas comunidades com uma maior rapidez, de mostrar a realidade desses lugares e do jornalismo ser um instrumento de mudança social pra esses municípios.

Se por um lado o jornalismo, por meio da videorreportagem ampliou a visibilidade desses municípios, por outro popularizou um formato pouco usado no estado, mas também trouxe

⁴ Chama-se OFF, no jornalismo, o texto gravado pelo repórter ou locutor, normalmente após a gravação da matéria. Ou seja, é a narração da notícia, colocada durante a matéria.

para a discussão aspectos que, num primeiro momento, foram lidos como negativos tais como a mão de obra não qualificada e a consequente geração de um produto sem qualidade técnica, além do uso de equipamento amador na execução da atividade, como relata o jornalista Fábio Melo, que ajudou na capacitação dos correspondentes.

Penso que esse trabalho que a Rede Amazônica desenvolve no interior ainda tem muito a ser ajustado. As imagens quando chegam aqui, estão muito deficientes, escuras. De fato, acho que precisa melhorar bastante, mas o que importa mesmo, em muitos casos, é a informação chegar até o telespectador.

No caso específico da Rede Amazônica de Televisão, a emissora optou por não usar o rótulo videoreportagem para as matérias enviadas pelos correspondentes do interior. A reportagem é produzida como se houvesse uma equipe tradicional de jornalismo, embora uma única pessoa conclua o material. Na assinatura (ou crédito) da matéria, o repórter assina, podendo ele aparecer ou não (chamado de passagem, no telejornalismo) e nas imagens vê-se “TV + nome do município correspondente”. Exemplo: Reportagem: Regiandro Albuquerque. Imagens: TV Santa Isabel do Rio Negro.

O fato gerou divergências entre os próprios correspondentes, já que a videoreportagem praticada na Rede Amazônica se assemelha e utiliza a linguagem praticada em uma reportagem tradicional. O fato foi comentado pelo jornalista Emanuel Cardoso (2012), que diz ser o primeiro repórter do projeto de correspondentes no interior, no município de Parintins. “Eu não sei onde entra o conceito de videoreportagem. Eu entregava o produto tal qual uma equipe de reportagem. Na videoreportagem, geralmente o plano é sequência, as imagens não precisam ser estabilizadas e o repórter narra na hora os fatos.”, justificou Emanuel Cardoso, acrescentando a importância turística de Parintins para o estado, devido ao festival folclórico com a centenária disputa entre os bois Garantido e Caprichoso.

A Rede Amazônica de Rádio e Televisão ainda mantém em seus quadros profissionais o cinegrafista Sebastião Almeida e o radialista Patrick Motta que também atuam produzindo videoreportagens (creditados pela emissora com esse rótulo, diferente do conteúdo feito pelos correspondentes do interior) em ocasiões especiais, como flagrantes, o que reforça que a emissora é adepta a este formato. A empresa também possui um centro de Radiodifusão, onde oferece cursos de curta, média e longa duração para capacitação em Rádio e TV, no qual a videoreportagem é ministrada.

Outras Emissoras de TV

Além do AmazonSat e TV Amazonas – vinculadas a Rede Amazônica – também já tentou o formato, a TV A Crítica (afiliada a TV Record) com o experiente cinegrafista Cléber Maia, que durante 2009 e 2010 cobria assuntos rotineiros como editoria de cidades e polícia, mas esta atividade não durou muito tempo. Ainda no segundo semestre de 2013, a Rede Diário de Comunicação, por meio da Record News, pretende trabalhar com videorreportagem.

Não há informações oficiais sobre videorreportagens produzidas e/ou veiculadas nas demais emissoras de televisão do estado, mais precisamente de Manaus: TV Em tempo (filiada ao SBT), TV Rio Negro (atual Band Amazonas, filiada a TV Bandeirantes), TV Cultura do Amazonas (filiada a TV Brasil), Rede Boas Novas, MTv Manaus e a Rede Tiradentes.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM é vinculada a Secretaria de Ciência e Tecnologia do Governo do Amazonas e possui autonomia financeira e administrativa. A instituição foi criada em 2002, sob Lei N. 2.743 de 10/07/2002. Sua finalidade é o apoio à pesquisa científica e ao desenvolvimento tecnológico, a fim de ampliar os conhecimentos, e aplica-los para o desenvolvimento econômico e social.

Nosso interesse no âmbito da pesquisa deste artigo inicia quando, em 2009, o radialista Gustavo Soranz implementou o projeto da TV Fapeam, em que produzia, filmava e editava o material, postado na plataforma YouTube e incorporado no site da fundação. O estilo do vídeo produzido usava uma linguagem de documentário narrado apenas pelo personagem entrevistado que, enquanto apresenta sua pesquisa, são exibidas imagens de apoio que condiz com o assunto abordado. O primeiro vídeo foi publicado no dia 04 de Maio de 2009, intitulado “Entrevista com Júlio César Schweikardt”, pesquisador da FIOCRUZ, falando sobre sua tese que trata sobre a História da Ciência na Amazônia.

Gustavo, que também é pesquisador da área de audiovisual, graduado em Rádio e TV, com mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia e Doutorando em Programa de Multimeios, falou sobre o início desses trabalhos.

Particularmente na área do vídeo eu queria um conteúdo exclusivo para aquele meio. Lembro que fui pesquisar sobre conteúdo audiovisual na web e eu lembro que no Brasil não tinha quase nada e a gente passou a pensar no formato para divulgar o conteúdo científico.

O pesquisador contou ainda que no início a produção era um vídeo por semana. “O que era bastante até por que era produzido por uma única pessoa, já que eu produzia, filmava e editava” e justificou que “ao mesmo tempo eu não era alguém vindo do jornalismo, minha referência de vídeo era cinema e eu acho que eu nunca fiz reportagem, no sentido de que alguém vai a um local e traz um relato sintetizado.”. O cineasta também acrescentou que nunca gravou OFF, nem gravou Passagem. “Essa coisa da videoreportagem foi rotulada pelo departamento de comunicação. Eu fazia o vídeo e no máximo uma linha fina explicando o conteúdo. Eu preferia chamar de microdocumentário.”, explicou Gustavo.

O público-alvo do portal da Fapeam, que geralmente são pesquisadores, cientistas, empresários e demais interessados por ciência, ajudou na consolidação do formato. “Eu fazia entrevistas longas justamente tentando proporcionar que o pesquisador desenvolvesse o tema dele. Diferente da limitação de tempo e espaço dos jornais.”, disse Gustavo Soranz que deixou o projeto para se dedicar ao doutorado, mas antes, inovou ao acrescentar alguns quadros, como o “Fala Pesquisador” entre os microdocumentários produzidos.

Portal D24am.com

No começo de 2010, um projeto multimídia embrionário e já inovador, começou a ganhar grande repercussão. A Editora Ana Cássia Ltda., responsável pela produção do jornal “Diário do Amazonas” (tradicional em Manaus, com mais de 20 anos) e o recém-criado tabloide (jornal de formato compacto) “Dez Minutos”, almejava ganhar espaço e público na internet com o projeto de um portal de notícias e, em seguida, um canal televisivo.

No dia 27 de Janeiro de 2010, no canal “JornalDezMinutos” na plataforma YouTube foi divulgada a primeira videoreportagem do projeto, produzida pelo Relações Públicas e videomaker Danilo Egle, na época recém de volta a Manaus – após cursar pós-graduação em Cinema e Mídias Digitais pela Universidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais – à convite do jornalista e editor executivo na empresa, Márcio Noronha.

O vídeo intitulado “Desaparecido é resgatado”, apresenta a história de Jaílson Reis Leão, de 25 anos, que reapareceu após ficar mais de uma semana perdido na Reserva Adolpho Ducke, em Manaus. A produção foi feita com o recurso de filmagem do aparelho de telefone Nokia N95, com câmera de 5.0 megapixels e modo de vídeo 640 x 480 pixels – VGA. A videorreportagem, em 1 minuto e 20 segundos, conta a história por meio de sonoras (depoimentos de personagens), sem OFF, ou seja, a narração, e conta ainda com recursos como legenda para demais informações.

A partir de então, temas como polícia e cidades, passaram a ser registrados, como fase de testes para a consolidação do formato. As videorreportagens teriam até 1 (um) minuto de duração, incluindo além do relato do repórter, depoimentos de envolvidos, mas sem que o repórter aparecesse, aliado a técnicas de compressão que possibilitavam um rápido carregamento na internet lenta que Manaus ainda apresentava. Ainda foram necessários mais dois meses de produção até a inauguração do portal de notícias d24am.com, que entrou no ar no dia 02 de junho de 2010. A sigla lembra algo como Diário do Amazonas, 24 horas e Marcio Noronha resume de forma interessante àquela iniciativa:

Voltei para o Diário em 2008 para implantar o jornal Dez Minutos e com o sucesso do projeto a empresa acreditou em mim para fazer um portal de notícias que fosse muito forte na região. Comecei a estudar modelos, pesquisar equipes e me surgiu à ideia de investir em imagem, reportagens em vídeo. E lembrei-me do Danilo Egle, que não era jornalista, mas tinha uma boa experiência em audiovisual. Apresentei a ideia, o treinei para ser jornalista e começamos.

Para a inauguração do Portal, um novo canal no YouTube foi criado, o “PortalD24am”, mas sem excluir ou deixar de lado o sucesso do “JornalDezMinutos”. Até a revisão final deste artigo, em Março de 2013, os dois canais já somavam mais de 28 milhões de visualizações, com 4.573 videorreportagens. “Esses números provam o sucesso do formato. Além do que, já tivemos nossos vídeos exibidos na CNN, no Blumberg, em canais da China e outros países.”, informa Márcio Noronha. Ainda sobre o processo de formatação do modelo de videorreportagem do Portal D24am, Noronha esclarece:

O Danilo Egle foi minha primeira cobaia, digamos assim, e nós dois conseguimos chegar ao formato que eu achava que seria o ideal para o projeto. Montamos a equipe chamando mais três pessoas e treinamos para executar o trabalho. Eu com a parte jornalística, explicando sobre o lead, que é o modelo da escola americana onde a força da informação está no primeiro parágrafo do texto e o Danilo com a parte técnica sobre imagens e sistemas de compressão.

O projeto dos jovens jornalistas com uma câmera na mão, do portal d24am, permaneceu durante quase um ano completo com seis videorrepórteres. Além do autor deste trabalho – Rômulo Araújo, os também trainees Caio Pimenta, Daniel Freire, Filipe Augusto, João Pedro Figueiredo e Patrícia Correia completaram a equipe. Em um ano trabalhando no D24am, como videorrepórter e algumas vezes, fotógrafo e repórter de texto, eles cobriram eventos sociais, greves, protestos, visitas presidenciais, crimes, invasões, eleições, esportes e mais até mesmo assuntos sobre o próprio meio da comunicação.

A Regulamentação da Atividade no Amazonas

Além da questão histórica da videoreportagem, é preciso destacar que com a chegada de novas tecnologias e com o domínio dessas ferramentas, os videorrepórteres, em específico, ainda passam por uma questão de desvalorização salarial. Para complementar as opiniões sobre a videoreportagem no Amazonas, é importante considerar o olhar do órgão que regulamenta/fiscaliza/acompanha as relações trabalhistas que envolvem jornalistas e empresas de comunicação na cidade de Manaus, para tanto o olhar do jornalista Wilson Reis, presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Amazonas, para ele:

A videoreportagem é um recurso que os jornais impressos utilizam, em Manaus, para complementar conteúdo na web. O vídeo nós temos conhecimento que é produzido por estudantes, pagando um valor irrisório, que não condiz nem com aproximação do valor que é pago aos repórteres de texto. Ou seja, é preciso que a gente possa discutir isso com as empresas e profissionais e propor que haja o reconhecimento com o pagamento de 40% a mais do salário que recebe o jornalista nas redações.

Por outro lado, as empresas de comunicação parecem ter uma opinião divergente que é justificada pela atual situação do mercado, como relata o jornalista Márcio Noronha que ocupou até final de 2012 o cargo de editor-chefe da redação do Grupo Diário do Amazonas.

Um bom profissional de jornalismo hoje que não tem noção estética para fazer diagramação, uma foto, não conseguir operar uma câmera com o mínimo de cuidado para filmar ou conhecer como funciona a alimentação de um site, ele vai ficar para trás. O mercado vai querer alguém cada vez mais capacitado, que domine as ferramentas de comunicação. Estamos no meio de uma crise de identidade na comunicação. A gente não sabe pra onde está indo. Então essa briga sindical de que jornalista de texto só faz texto e profissional de imagem só faz imagem, pode ficar pra trás em meio a essa confusão.

Em parte do documento – obtido pelo autor deste artigo – sobre a convenção Coletiva de Trabalho de 2013 (discussão entre os Sindicatos dos jornalistas [SJPAM] e das Empresas

Jornalísticas do Estado do Amazonas [SINEJA]), é apresentada a proposta, disposta na Cláusula 16^a, parágrafo primeiro, que dispõem sobre o acúmulo de funções, na qual o jornalista que desempenhar o papel de videorrepórter nas redações terá o direito de receber adicional de 40% sobre o seu salário-base por cada função que a videorreportagem exigir.

CONSIDERAÇÕES

No Amazonas, a produção de videorreportagens tende a crescer e já está se expandindo, principalmente na internet. O avanço e o barateamento de equipamentos tecnológicos com recursos excelentes para filmagens e edição estão permitindo esse crescimento em empresas e órgãos que pensam na importância desse formato como estratégia de divulgação de seus conteúdos, cada vez mais multimídias.

Um exemplo recente, até a data do fechamento deste artigo, em junho de 2013, vem da diretoria de comunicação da Câmara Municipal de Manaus – CMM, que adotou a videorreportagem para informar, por meio das redes sociais, sobre as atividades dos vereadores durante as sessões. Outro órgão público que, recentemente, também adaptou o formato em sua assessoria de comunicação é a Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia – Secti, para seu portal “Ciência em Pauta”. É importante informar que os videorreporteres que estão atuando nessas instituições, saíram do Portal D24am, o que configuraria este local como um polo formador e irradiador de profissionais habilitados para este trabalho.

Esta pesquisa oportunizou ainda o registro audiovisual de profissionais que contribuíram para a história desse recente campo, convertidos em um videodocumentário, mostrando que a videorreportagem se apresenta como um importante caminho para quem se interessa pela área multimídia, principalmente na web e que, além de um formato de produção, ela é uma assinatura pessoal de quem a produz, um olhar único de conteúdo imagético e intelectual. Possibilidades e vertentes que abrem espaço para mais discussões e estudos sobre o tema.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Luís Augusto Pires. Caminhos da Videorreportagem no Amazonas. Manaus, 29 de Setembro de 2012. Pesquisa sobre o tema. Entrevista concedida a Rômulo Araújo.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. YouTube e a revolução digital. Como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade. Com textos de Henry Jenkins e Jonh Harley; tradução Ricardo Giassetti. São Paulo. Aleph, 2009.

CARDOSO, Emanuel. Caminhos da Videoreportagem no Amazonas. Parintins, 30 de Abril de 2012. Pesquisa sobre o tema. Entrevista concedida a Rômulo Araújo.

CASTILHO, Paulo. A videoreportagem como forma de popularizar a produção e o consumo de conteúdo multimídia na internet. 2004. Disponível no link: <http://s3.amazonaws.com/lcp/ciberperiodismo/myfiles/AIAPI%202004%20Paulo%20Castilho.pdf> Acessado em: 11/10/2012 às 10h57.

EGL, Danilo. Caminhos da Videoreportagem no Amazonas. Manaus, 20 de Outubro de 2012. Pesquisa sobre o tema. Entrevista concedida a Rômulo Araújo.

JORNAL DEZ MINUTOS. Disponível no link: www.youtube.com/jornaldezminutos. Consultado durante vários dias entre Outubro de 2012 e Março de 2013.

JÚNIOR, Orlando. Caminhos da Videoreportagem no Amazonas. Manaus, 04 de Agosto de 2012. Pesquisa sobre o tema. Entrevista concedida a Rômulo Araújo.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Maria de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 7ª. Ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

MELO, Fábio. Caminhos da Videoreportagem no Amazonas. Manaus, 16 de Novembro de 2012. Pesquisa sobre o tema. Entrevista concedida a Rômulo Araújo.

NORONHA, Márcio. Caminhos da Videoreportagem no Amazonas. Manaus, 24 de Outubro de 2012. Pesquisa sobre o tema. Entrevista concedida a Rômulo Araújo.

PORTAL D24AM.COM. Disponível nos links: www.youtube.com/portald24am e www.d24am.com. Consultado durante vários dias entre Outubro de 2012 e Março de 2013.

PASCAL, Andrés. Videoreportagem: Uma experiência audiovisual. 2012. TCC apresentado à Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

REIS, Wilson. Caminhos da Videoreportagem no Amazonas. Manaus, 16 de Fevereiro de 2013. Pesquisa sobre o tema. Entrevista concedida a Rômulo Araújo.

SORANZ, Gustavo. Caminhos da Videoreportagem no Amazonas. Manaus, 25 de Junho de 2012. Pesquisa sobre o tema. Entrevista concedida a Rômulo Araújo.

THOMAZ, Patrícia. A composição da obra autoral e a experimentação da linguagem telejornalística na videoreportagem. Trabalho apresentado na Intercom, 2007. Disponível no link: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0239-1.pdf> Acessado em: 11/10/2012 às 09h30.

THOMÉ, Carol. Videoreportagem: A arte de produzir além do Telejornalismo. São Paulo. All Print Editora, 2011.